



INFORMA

Contato: 11 99513.1411

www.saopauloabpp.com.br • saopaulo@saopauloabpp.com.br Ano11 • Nº 22 • Julho de 2014

EDITORIAL

A Psicopedagogia entrou na minha vida, em 1990, ainda como professora, em função de uma busca: como atender a aquele aluno que apesar de todo empenho e atividades de reforço não avançava na aprendizagem. O curso, o estágio, a supervisão e o trabalho terapêutico pessoal foram fundamentais para a minha formação profissional. Após alguns anos de atuação recebi o convite de uma amiga para me candidatar ao Conselho na ABPP Nacional. Como adquirir alguma experiência no conselho, na diretoria e na vice-presidência fui convidada por Maria Cristina Natel para ser sua vice na gestão 2011-2013. Trabalhamos em parceria, e de forma afinada, nos projetos a que nos propomos realizar nesta gestão. Deste modo, candidatei-me ao cargo de presidente visando dar continuidade às conquistas da SEÇÃO SÃO PAULO.

Janeiro de 2014, início da nova gestão (2014-2016) na ABPP SEÇÃO PAULO. Diretoria composta com integrantes que permaneceram da gestão anterior: Maria Cristina Natel, vice-presidente; Helena Barros Silva, diretora financeira; Ivanilda Moura Santos, diretora cultural. Pessoas novas chegaram: Rebeca Lescher Nogueira, diretora secretária; Beatriz Rizek, diretora secretária-adjunta; Thais Bechara, diretora de relações públicas; Sonia Maria Marcondes Licursi, diretora de relações públicas-adjunta.

Com esta equipe formada, temos como premissa a manutenção do trabalho de qualidade que vinha sendo realizado, nos três últimos anos. Segundo Thiago de Melo, poeta amazonense: "O importante não é o caminho, mas o caminhar". Entendemos o momento, como um caminho de consolidação de processos que deram certo; de abertura para ideias e projetos que possam ser assumidos pela diretoria com toda a garra disponível. A divulgação da Psicopedagogia no Estado de São Paulo, e o imediato atendimento ao nosso associado, estão entre nossas prioridades.

Para nos ajudar a pontuar aspectos relevantes das nossas ações e cooperar na reflexão sobre novas propostas contamos com o apoio fundamental do grupo de Conselheiros Estaduais e dos Conselheiros Fiscais.

Deste modo, o primeiro INFORMA de 2014 traduz o empenho de cada um dos membros da diretoria, em organizar uma publicação que atenda às necessidades dos nossos associados, estudantes ou profissionais da Psicopedagogia. Nela, vocês encontrarão os registros das atividades de março a junho. Também contarão com a proposta de temas da Agenda Cultural para o segundo

semestre, que se ancora nos resultados das avaliações realizadas com os participantes nos eventos do primeiro semestre.

Mantendo o compromisso de promoção do aprimoramento profissional do psicopedagogo, trazemos os artigos de José Rubens e de Ernani Pereira Junior intitulados como "Relação de aprendizagem entre pessoas afins e Viva em harmonia", respectivamente.

O papel do psicopedagogo na instituição escolar é o título do texto da aluna de Psicopedagogia, Patricia Soares.

Verifiquem também nossa sugestão para leitura de livros na Seção Li e Recomendamos uma indicação de leitura de uma publicação que acabou de ser lançada.

A Diretoria da SEÇÃO SÃO PAULO deseja uma boa e produtiva leitura!

Sandra Lia Nisterhofen Santilli
Presidente da ABPP - SEÇÃO SÃO PAULO

AGENDA CULTURAL

2º SEMESTRE - 2014

No 2º semestre de 2014 a **ABPP - Seção São Paulo** mantém seu compromisso com a **Inclusão e** nessa perspectiva propõe:

Agosto

Curso: Inclusão Escolar - o que precisamos conhecer e aprender para poder intervir.

Setembro

Banca de Titularidade.

Outubro

Projeto ABPP - Seção São Paulo na Universidade
Palestra: TDAH: uma discussão sobre o diagnóstico e a intervenção com diferentes profissionais.

Novembro

Comemoração do dia do Psicopedagogo.

www.saopauloabpp.com.br

contato: 11 99513.1411



Viva em harmonia

Quanta atenção você tem para dar?

Quando eu era coordenador de uma Escola Estadual, uma professora me chamou para que fosse a sua sala de 5ª série (6º ano), pois lá havia um aluno que estava passando mal, parecia que ia desmaiar.

Fui até a sala, chamei o aluno e o conduzi até a sala da coordenação para que pudesse saber o que estava acontecendo.

O menino de 11 anos de idade estava ardendo em febre e quando perguntei o que ele tinha a resposta foi um tipo de gemido, pois não estava conseguindo falar. Pedi para que abrisse a boca e, nesse momento, tive uma visão muito triste. Sua língua estava toda inchada, transpassada por um piercing que a infeccionara.

Perguntei como aquilo havia acontecido e ele disse que, na véspera, havia ido até São Paulo (estávamos numa cidade do interior) com uns amigos para colocarem os tais piercings. Voltaram já bem tarde e ele foi para casa às duas horas da madrugada.

Perguntei o que sua mãe havia falado sobre o fato e ele respondeu que ela não havia visto ainda. Fiquei sem entender e perguntei: Como ela não havia visto? O que ela havia falado quando ele chegou em casa tão tarde? E ele disse: Ela não me viu chegar. Como não viu? Como você entrou em sua casa? E a resposta: É que eu tenho a chave de casa e chego a hora que quero.

Chegamos aqui no ponto principal: uma criança de onze anos de idade, com a língua toda inchada, inflamada, com fome, com dor e não conseguia nem beber água, estava quase desmaiando e não foi percebido pela família.

Fico pensando que quando um jovem põe uma calça ou uma bermuda dois números maior que o seu tamanho e a deixa caindo, mostrando a peça íntima e perfura o próprio corpo, nada mais está fazendo que chamar a atenção. E quem sente necessidade de chamar a atenção, de ser diferente? Aquele que sente que não tem a atenção, principalmente das pessoas que ele ama e que não percebem o seu amor e nem demonstram amor por ele.

Diferente de muitos animais, o ser humano é um ser social, vive em família e, por mais que queiram corromper a estrutura familiar, sente a necessidade de ser amado, de ser reconhecido. Procura sempre demonstrar o amor que sente pelos pais, mas muitas vezes não se sente correspondido.

Os pais atuais, carregados de ocupações, alegam não ter tempo para dar atenção e oferecem presentes, viagens, cursos, atividades extrafamiliares que, pensam eles, são demonstração de amor.

Não discordo que também seja demonstração de amor, porém o verdadeiro presente que seu filho deseja é que você pare tudo o que está fazendo, desligue celular, televisão, computador, etc. e sente-se ao lado dele, olhe nos olhos e demonstre que realmente quer saber como ele vai, o que ele tem feito e como está na escola.

Ah! Quanto ao menino do início da história, chamamos a mãe e conversamos sobre a situação vivenciada.

E recentemente, ao terminar uma palestra que fiz para pais, uma senhora veio até a mim e perguntou se eu me lembrava dela. Diante da minha negativa se apresentou como a mãe do referido menino que, atualmente, é um adulto, e segundo ela, um filho maravilhoso, trabalhador, estudioso. Valeu a pena o trabalho realizado com a família e o olhar cuidadoso com as questões da adolescência, pontuadas durante as intervenções feitas pela equipe escolar sob a perspectiva psicopedagógica.

Ernani Pereira Junior

Especialista em Psicopedagogia, Neuropedagogia e Psicanálise.

psicopedagogo.ernani@gmail.com

Relação de aprendizagem entre pessoas afins

Quando se fala em aprendizagem, tocamos num tema que muita gente palpita, que se diz ser assunto para pedagogos (e é mesmo), mas que por um motivo muito nobre (compreender essa dinâmica e aclará-la para o bem de ambos os interlocutores), também foi e é abordada pela psicanálise (nas mais diversas linhas de compreensão psicanalítica, ou seja: freudiana (pioneira) Junguiana, Kleiniana, Winnicotiana, por exemplo). Para a psicanálise, há três atuações cuja profissionalização é impossível: a de professor (porque se a pessoa não quiser aprender, não há transmissão de conhecimentos) a de político (porque se as pessoas não aceitarem, não serão conduzidas politicamente de modo sintônico) e a da psicanálise (porque se a pessoa não aceitar, ela não será analisada ou psicanalisada). POR QUE?

Por causa de um processo, que Sigmund Freud (psicanalista, criador do método psicanalítico 1856-1939), descobriu e que ocorre em todas as relações humanas, mas principalmente nessas três relações particulares, com mais intensidade. Freud descobriu que os seres humanos, projetam nas pessoas imagens variadas, mas principalmente imagens das pessoas que primeiro fizeram parte de sua vida inicial, ou seja, pai e mãe. Com a complexidade atual da formação das famílias, poderíamos falar em pai e mãe, em outras pessoas que porventura passem a fazer parte da família, outras pessoas, como babás, funcionárias domésticas, avós, tios, "irmãos" que venham de outras famílias, líderes espirituais, etc. A família a que Freud se referia, era basicamente, pai, mãe e irmãos. Hoje temos uma complexidade maior. Todas

essas relações geram imagens e, conseqüentemente, quanto mais imagens semelhantes, mais difícil fica a projeção das mesmas, pois cada uma delas, vai carregar consigo uma quantidade de afeto (positivo ou negativo) a que Freud chamou de transferência positiva ou negativa. Levadas para a escola, num berçário, se misturam, também com as figuras dos cuidadores, das "tias" (termo inadequado para se chamar um cuidador, pois não há grau de parentesco), depois a Educação Infantil e na seqüência, o Ensino Fundamental. Muitas pessoas entrando no mundo interno das crianças, muitas imagens se formando, muito afetos sendo metabolizados. Tudo isso vai interferir no aprendizado. Como ocorre isso? A criança, que em casa se relaciona com "umã mãe", de repente se vê envolvida com uma gama incalculável de "mães". Isso, porque para a psicanálise, até os sete anos, até quando a criança elabora (ou deveria elaborar o complexo de Édipo, ou seja, "abandona" pai e mãe) o mundo é totalmente materno. A criança vive sob o princípio do prazer, do lúdico, da brincadeira (ou pelo menos deveria viver). Para isso basta "uma Mãe", ou seja, alguém que a conduza, a proteja. É automático que a criança passe da imagem projetada e dos afetos transferidos para uma mãe, a uma transferência e projeção a umã infinidade de "mães". Como concentrar isso tudo num único FOCO???? Como ter atenção? Como não ficar perdida e ansiosa e ter distúrbios de atenção? Como não ter um excesso de atividade oriundo do aumento da ansiedade? Pode ocorrer, que crianças que tenham lares funcionais, consigam um nível de atenção que faça com que ela possa centrar sua projeção e sua transferência de afetos (principalmente os positivos - daí os líderes positivos ou se for transferência de afetos negativos, teremos os líderes negativos, mesmo que com lares funcionais) e aqueles, cujos lares forem disfuncionais, apresentarão uma gama de distúrbios na aprendizagem, que os farão vítimas de pré conceitos, agressões morais e verbais, repressões, esforços incomuns de aprendizagem, medicalização, castigos. Resumindo, há SEMPRE, entre pessoas que se reúnem para uma atividade de aprendizagem, o fenômeno da projeção e o fenômeno da transferência. Como resolver isso, no ambiente escolar?

Tendo psicólogos bem formados, não só na arte da cura, mas do desenvolvimento da personalidade infantil. Que se reúnam com a família de cada aluno, que façam uma anamnese histórica, para unir a consciência da criança, que é atual e perturbada, com suas raízes históricas, familiares e a partir daí, um bom psicopedagogo poder conduzir o ensino dessas crianças de maneira mais adequada.

Não cabe aqui aprofundar mais, mas é um bom início para se começar a discutir estratégias de atenção.

José Rubens Naime

Médico Psiquiatra (UNIFESP), Aprofundamento em Psicanálise (Sedes Sapientiae),
pós-graduação *Latu Senso* em Psicologia Junguiana (Universidade São Francisco)
jrnaime@gmail.com

ESPAÇO ABERTO

Neste espaço, divulgamos e prestigiamos novos autores. Profissionais recém formados, alunos da Psicopedagogia e de áreas afins podem enviar artigos, pesquisas e relatos de experiência para análise e posterior publicação.

O papel do psicopedagogo na instituição escolar

A produção desse texto é fruto de leituras realizadas no curso de Psicopedagogia, que estou finalizando, no Centro Universitário Salesiano de São Paulo - Unisal.

Ao tomar conhecimento do artigo sobre os Curumins que trata da história de índios que tentam, em vão, aprender na escola dos brancos discutimos em aula o quão semelhante ela é com a história das crianças que são incluídas na escola regular.

A partir disso e, em reflexões do meu dia a dia, tenho pensado e observado em como as instituições tem se tornado verticalizadas e fechadas às suas comunidades. Em muitas escolas de nosso país, não existe uma abertura a pluralidade, as diferenças, a riqueza cultural das "tribos", a escola está fadada ao fracasso se não for capaz de abrir seus horizontes de entendimento do "outro", aceitar, respeitar e promover o "outro", seja ele como for.

Bregunci esclarece ao afirmar :

"quando uma escola não está aberta a sua comunidade, ela se isola, se torna vazia em suas convicções e não atende as necessidades da comunidade e não cumpre seu papel na sociedade".

Qual o maior objetivo de uma escola se não é capaz de se inserir além de seus muros e promover a inserção do "outro" dentro de seus muros? É muito pobre acreditar que o papel da escola é apenas letrar, crianças, adolescentes ou adultos, a escola tem um papel muito maior dentro da sociedade, dentro da política, dentro do contexto mundial.

Acredito em uma missão mais ampla, uma escola que consiga enxergar o outro em todas as suas necessidades, em totalidade. Uma escola que enxerga apenas diferenças, nunca cumprirá seu papel e sua missão.

Observamos que a prática de aumentar a quantidade de conteúdos no intuito de pressionar o indivíduo a desistir, como fizeram com os Curumins, não lhe dando a oportunidade de tentar ser melhor, tentar ser capaz de superar suas limitações, pode ocorrer e, isto é triste e cruel!

Olhando para esse quadro, o papel de um psicopedagogo institucional é fundamental e quase vital para a escola se autoanalisar, se questionar, se conhecer, ser reflexiva.

É muito comum acontecer em uma escola que não se comunica com a comunidade, ter problemas com violência e indisciplina, há um vácuo nessa relação, não existe confiança, empatia e interesse em ambos. Cria-se um ambiente de hostilidade, carência, revolta e indiferença.

A escola não faz sentido sendo assim, não cumprindo seu papel no mundo, na sociedade, na individualidade do outro.

Não basta apenas dar a refeição, as pessoas estão fartas dessa política paternalista onde se dá "pão e circo", as pessoas querem ser respeitadas em suas individualidades, em seus desejos de transformação, estão cansadas de serem vistas como mercadoria, ou como produto final em um processo pífio de educação que não educa, mas deseduca, corrompe valores e os transforma em interesses egoístas e mesquinhos. A escola não é inclusiva, é exclusiva no sentido de ser para poucos, atende apenas a maioria de indivíduos que se encaixam em padrões pré-estabelecidos, a escola exclui pessoas, sonhos e rotula quem é merecedor de seus gradus e cuidados paternais fracassados e ultrapassados.

Desafio... essa é a palavra que usarei como conclusão da minha reflexão. A nós psicopedagogos caberá essa realidade! O que fazer? Como fazer? Caberá a nós estarmos imbuídos de muito boa vontade, desejo de transformar e desejo de realizar.

Olhar para nós como salvadores da pátria? Não! Seremos apenas agentes de transformação no seu sentido menor, com um trabalho de formiguinha, plantando sementes, gerando reflexões, fazendo o grupo se perceber e entender a dimensão da realidade e do trabalho a ser feito.

Bibliografia:

Bregunci M. G. Refletindo sobre competências psicopedagógicas: alguns desafios no contexto da Instituição Escolar.

Patrícia Leme Soares
Pedagoga/ Cursando Psicopedagogia
propati10@gmail.com

ACONTECEU

ABPpSP e Faculdade Flamingo

Com entusiasmo, a ABPp Seção São Paulo abriu sua agenda cultural no mês de março.

Em parceria com a Faculdade Flamingo, nos dias 24 e 27, a ABPp SP recebeu a pedagoga, psicopedagoga e diretora de escola da Rede Municipal, Jacqueline Cibele Vioto Rinaldo Russo, para uma conversa sobre inclusão, cujo tema da palestra foi "O papel do gestor de escola enquanto facilitador do trabalho com inclusão".

Sandra Lia Nisterhofen Santilli, presidente da ABPp SP, fez a abertura do evento e, em seguida, Jacqueline, com muita propriedade, falou de sua experiência enquanto gestora de escola pública. Deixou claro que o papel do gestor é estar amparado na legislação e nas questões administrativas, mas só isso não basta. Um bom gestor deve cuidar do espaço escolar, dos recursos financeiros, das questões legais, da interação com a comunidade do entorno, da secretaria de sua escola, das questões pedagógicas e nunca deve deixar de lado o seu olhar sensível às questões relativas à inclusão social e escolar. É o gestor que tem o compromisso de fortalecer e contagiar sua equipe a fim de propagar a ideia que é possível desenvolver um belo trabalho com pessoas com necessidades especiais. Nesse momento, destacou a importância de buscar boas parcerias e estratégias pedagógicas eficientes que só facilitarão o processo de incluir.

O gestor tem que oferecer condições para incluir e se preocupar com a formação permanente de sua equipe escolar. O vínculo com a família é outro fator fundamental nesse processo inclusivo. Um gestor engajado pode fazer a diferença!

Thais Bechara
Pedagoga e Psicopedagoga
thaisbechara@gmail.com

ABPp SP e Colégio Mazarello

Inclusão foi o tema escolhido pela ABPp SP para ser estudado e aprofundado, durante o primeiro semestre de 2014.

Sendo assim, foi com satisfação que a ABPp SP, em parceria com o Colégio Mazarello, no dia 26 de abril, organizou a 1ª Mesa Redonda de 2014, que teve como tema "O que precisamos saber sobre a cultura da inclusão: diferentes e possíveis abordagens".

Maria Cristina Natel, vice-presidente da ABPp SP, abriu o evento, destacando nosso compromisso em promover e divulgar a Psicopedagogia, oferecendo aos associados e a todos os profissionais interessados na área de Educação, ricos momentos de reflexão e aperfeiçoamento.

Contamos com a participação da Coordenadora do Colégio Mazarello, Adriana Basques, que nos recebeu e consolidou a parceria entre as instituições.

Em seguida, ouvimos o depoimento de Cláudio Arruda, portador de síndrome de Down, que revelou o quanto o esporte

pode auxiliar pessoas com necessidades especiais a enfrentar a vida e se tornar um vencedor.

O título do seu livro foi também a mensagem deixada por ele a todas as pessoas presentes na plateia: "Mude seu falar que eu mudo o meu ouvir".

Cláudio contou, também, sobre seu nascimento, sua infância e seu processo de desenvolvimento. Deu dicas de como lidar com pessoas portadoras de síndrome de Down, revelou sua paixão por cavalos e seu gosto em dar palestras.

Logo depois, o professor Romeu Sasaki subiu ao palco e falou sobre "A educação inclusiva sob a égide da Convenção da ONU". Abordou assuntos relativos aos direitos das pessoas com deficiência, igualdade de oportunidades, igualdade de condições, desafios da educação inclusiva e a importância da capacitação para a prática de ações inclusivas por todos os atores sociais da escola (diretor, professor, coordenador, supervisor, profissionais de apoio e família).

Por volta das 10h30, a pedagoga e psicopedagoga Adriana Moral, nos abrilhantou expondo seu projeto de trabalho com autistas, desenvolvido no Centro Lumi. Explanou sobre: o significado de autismo, a adaptação curricular, o que é currículo funcional, como os ambientes e espaços devem ser estruturados, como as atividades precisam ser especializadas e individualizadas, quais ferramentas de avaliação podem ser utilizadas e o que é inclusão social e escolar.

"Uma proposta de inclusão escolar baseada na teoria psicanalítica" foi o tema discutido pela psicopedagoga Patrícia Vieira. A profissional colocou em pauta o papel da escola na educação inclusiva, a disponibilidade de trabalho a favor da diversidade, a necessidade de criação de sistemas de suportes pedagógicos, as diferentes etapas de um processo de incluir alunos com deficiência e a importância da conexão do eixo de trabalho com aluno, professor, equipe escolar, família e instituição.

Para encerrar a manhã, nossos convidados interagiram com o público presente, respondendo perguntas, revelando algumas inquietações com o objetivo de estimular a reflexão de diferentes saberes.

O encontro foi muito produtivo e saímos de lá com uma tarefa: cabe a nós procurarmos meios para lutarmos por uma sociedade justa e igualitária, que aceite a todos, sem restrições quanto ao jeito de ser de cada indivíduo.

Sônia Maria Marcondes Licursi
Psicóloga
smmlicursi@gmail.com

TANV (transtorno de aprendizagem não verbal)

O dia 07 junho completou nossa agenda cultural do primeiro semestre de 2014. Foi um sábado incrível! Realizamos o curso TANV - transtorno de aprendizagem não verbal ministrado pela neuropsicóloga Anna Carolina Navatta. Pudemos contar com a participação da diretoria da ABPP SEÇÃO SÃO PAULO, com educadores de instituições de ensino, psicopedagogos e psicólogos e com a presença das conselheiras vitalícias Mônica Mendes e Sonia Colli. Anna Carolina trabalhou o conceito do transtorno de aprendizagem não verbal, as causas, a característica neuropsicológica, o diagnóstico, a avaliação neuropsicológica, as intervenções, a reabilitação neuropsicológica, e a psicoeducação. Descreveu as estratégias de intervenção escolar e familiar. Encantou-nos com sua didática e os estudos de casos em sua experiência profissional. Os participantes também contribuíram com seus relatos e perguntas. A dinâmica de trabalho proporcionou um bom entrosamento do grupo e riqueza na formação profissional.

Sônia Maria Marcondes Licursi
Psicóloga
smmlicursi@gmail.com

LI E RECOMENDO

O livro, *Medicação ou Medicalização?* organizado por Lucianne S. de Menezes, Gisela G. Armando e Patricia Vieira é fruto do debate realizado no evento *Psicanálise, Medicalização e Sociedade* realizado no ano de 2012.

Lançado recentemente pela Primavera Editorial e com o selo do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, reúne textos de diferentes autores, psiquiatras e psicanalistas, que refletem acerca da suas experiências em relação ao processo da medicalização e de seus efeitos na singularidade dos sujeitos e no âmbito do social.

Os autores, por um lado, não negam o avanço tecnológico na pesquisa e na produção de fármacos e seus efeitos em determinados quadros mas, por outro, questionam a respeito da mercantilização da saúde na contemporaneidade que privilegia o tratamento farmacológico em detrimento da subjetividade do sujeito.

Destacamos alguns dos temas que compõe o livro : a idealização da medicação; a diferença entre medicar e medicalizar; os efeitos do processo da medicalização nos sujeitos e nos laços sociais; o aumento do consumo de psicofármacos na nossa sociedade, entre outros.

Recomendamos a leitura pela pertinência dos temas à prática profissional do psicopedagogo.

Maria Cristina Natel
Psicopedagoga
natel-natel@uol.com.br

INDICAÇÕES

Recomendamos para sua biblioteca:

Excelente livro para um suporte teórico para os psicopedagogos:



O reizinho da casa: Manual para crianças opositivas, desafiadoras e desobedientes

Gustavo Teixeira, da Editora Best Seller; RJ 2014



E book - Habilidades Socioemocionais. Anita Abed, 2014.

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=19042&Itemid=1228
Aba Projeto UNESCO, Item: Habilidades Socioemocionais,
Produto 1 - Habilidades socioemocionais e sucesso escolar.

EXPEDIENTE - DIRETORIA 2014 / 2016

Presidente: Sandra Lia Nisterhofen Santilli

Vice-Presidente: Maria Cristina Natel

Secretária: Rebeca Lescher Nogueira de Oliveira

Secretária adjunta: Beatriz Ansarah Rizek

Diretora Cultural: Ivanilda Apãrecida Moura Santos

Diretora de Relações Públicas: Thaís Belluomini Moraes Bechara

Diretora de Relações Públicas Adjunta: Sônia Maria Marcondes Licursi

Diretora Financeira: Helena Maria Barbosa da Silva

Conselho Estadual: Carla Labaki Agostinho Luvizotto

Cleomar Landim de Oliveira

Cristiane Cássia Moura

Ernani Peréira Junior

Gisele Gasparotto

Márcia Alves Affonso

Maria Carolina Braga

Regina Aparecida Spirandelli Irani Federico

Roberta Rossi Oliveira Palermo

Sandra Regina Casseri Rindeika

Conselho Fiscal: Anete Hecht

Rosana Pereira Borges

Este periódico é uma publicação exclusiva da **ABPp SEÇÃO SÃO PAULO**

Editora de Redação: Maria Cristina Natel

Conselho Editorial: Sandra Lia Nisterhofen Santilli e Thaís B.M. Bechara

Revisão: Cristiano Ferreira Almeida

Tiragem: 500 exemplares

Criação e Impressão – KOSMOGRAF



**Psicopedagogos,
participem!**

Psicopedagogia:

Novos Tempos... Novos Cenários...

III Simpósio Nacional da ABPp

São Paulo, de 26 a 28 de setembro de 2014